

A JOVEM coreana estava aterrorizada. Depois de quase 13 horas em trabalho de parto, Myo-buni Kim, de 21 anos, estava sofrendo uma enorme hemorragia. O marido, Yong-jung Chung, motorista de jamanta, andava de um lado para outro em frente à porta do quarto.

«Por favor, faça que essa dor pare», pediu Myo-buni ao interno, único médico disponível entre os poucos que havia na província de Kyonggi, nas cercanias de Seul. Nervoso, este acabou por assistir o nascimento de um menino grande, com quase 4 kg. Sentindo-se enormemente aliviado, ele logo cortou o cordão umbilical, interrompendo assim o fluxo de oxigênio e nutrientes ao bebê. Só então foi que reparou que

a criança ainda não havia emitido som algum.

«Não chorou», murmurou o interno.

Myo-buni e Yong-jung olharam assustados, enquanto o médico dava uma palmada na criança e, em seguida, se esforçava por insuflar vida dentro de seus pequenos pulmões. A criança começou a ficar azul.

Por fim, ele se voltou solenemente para Myo-buni e o marido e disse: «Lamento muito, mas seu filho está morto.»

«Não!», gemeu Myo-buni, enquanto o médico embrulhava o pequenino corpo num pano, punha-o numa prateleira e saía do quarto.

Abafando seu próprio desgosto, Yong-jung se arrastou penosamente para fora do quarto para abrir uma

Triunfo do espírito



«Se der sempre o seu melhor, o verdadeiro vencedor será você», ensinou ela ao filho deficiente.

DAVID LAZARUS

sepultura para seu filho primogênito.

Assaltada pelo desejo de estar com o bebê, a mãe engatinhou para ir buscá-lo. De volta à cama, embrulhou o corpo imóvel num cobertor de algodão e, embalando-o suavemente, adormeceu.

Quase duas horas depois, ela acordou sobressaltada, tendo imaginado que a trouxinha que tinha nos braços se tinha mexido. Afastou o cobertor e seus olhos se abriram de espanto. A pele do bebê parecia mais rosada, e ela achou que sentia uma pulsação. Deu uma palmada na bundinha do bebê e ouviu como uma tosse bem baixinha.

Myo-buni deu uma palmada no filho e ele começou a chorar.

«Está vivo!», gritou a ela.

MYO-BUNI desvanecia-se em carinhos com Hun-ki, seu filho de milagroso nascimento. Seu orgulho aumentou ainda mais no dia em que encontrou um estranho, um velho de barbas, que fez um carinho na cabeça da criança e lhe disse: «Seu filho vai ser um grande homem. Você tem de lhe dar uma boa educação.»

Aos 4 meses de idade, porém, o bebê não conseguia controlar o pescoço nem fechar facilmente as mãos. Com um ano de idade, não conseguia ficar em pé. Aos 2 anos, sua fala era pouco clara, confusa.

Cada vez mais preocupada, Myo-buni levou-o a diversos médicos. «Não se preocupe», disse-lhe um deles, «ele só está demorando um pou-

co mais, mas tudo se comporá.» Outros, porém, sabiam que havia algum problema; só não conseguiam diagnosticar-lhe a doença.

Em 1978, quando Hun-ki tinha 4 anos, um médico de Seul observou-o, enquanto dava uns passos hesitantes com as mãos dadas às da mãe. Começou então a fazer perguntas sobre os antecedentes da criança. Para grande espanto de Myo-buni, o médico começou a descrever seu parto. «A senhora perdeu muito sangue?» Ela confirmou. «E seu filho, quando nasceu, era muito grande?»

No fim, ele olhou-a bem nos olhos. «Estou certo de que ele sofre de paralisia cerebral.» Durante o traumático parto, células do cérebro da criança, ansiando por oxigênio, tinham ficado irreversivelmente danificadas, provocando movimentos espasmódicos e sua fala enrolada.

Myo-buni sentiu-se arrasada. Seu único consolo residia no fato de, agora, a família já ter uma resposta sobre o que se tratava. «Talvez não haja cura», pensou ela, «mas vou ajudar meu filho. Vamos enfrentar isso juntos.»

Quando Hun-ki tinha 6 anos, a mãe deu à luz uma filha saudável. Hun-ki adorava Ki-sook, brincando horas seguidas com ela, mesmo quando era uma bebê pequena. Sentia-se feliz por o filho ter com quem brincar, mas sempre que pensava no futuro dele era assaltada por visões assustadoras. Por tradição, os deficientes eram desprezados pela sociedade coreana. As crianças com deficiências graves ou desfigurantes eram

não raro impedidas de receber formação escolar formal e, depois de adultos, acabavam por arranjar empregos subalternos.

«Não vou deixar que isso aconteça a Hun-ki», pensou a mãe, o que significava essencialmente uma coisa: Hun-ki precisava de uma boa educação. O velho tinha razão.

Foi visitar uma instituição que dava educação especial a crianças excepcionais. As de lá estavam acorrentadas a cadeiras ou contorciam-se, largadas pelo chão. «Meu filho jamais freqüentará uma escola como esta», jurou a si própria.

Ficou ainda mais determinada depois de o médico ter realizado um teste de inteligência com ele. «Tudo indica que seu filho não só é inteligente, mas que sua inteligência é acima da média», comunicou-lhe ele.

Myo-buni resolveu, então, falar com o diretor da escola primária local, para ver se aceitava Hun-ki. Sentada nervosamente em frente à mesa do homem, ela lhe garantiu que a deficiência da criança era relativamente pequena. «Além disso, ele também é muito inteligente», afirmou, apresentando os resultados dos testes de QI.

O diretor olhou para Myo-buni: «Mas ele não pode machucar nenhuma das outras crianças...»

«Machucar?», interrogou-se ela. «Meu menino tão meigo?»

Mas respondeu-lhe com calma: «Garanto ao senhor que ele não se vai meter com as outras crianças nem atrapalhá-las.»

Na manhã seguinte, Myo-buni

pôs seu filho de quase 30 kg às costas e iniciou a caminhada para a escola, ignorando os olhares atônitos dos vizinhos. Só o pôs no chão depois de terem chegado à sua sala de aula, a quarteirões de distância. Sentou-o numa secretária na fila da frente. «Preste muita atenção ao professor», disse-lhe baixinho, «e faça o melhor que puder. Tudo vai correr bem.»

Em vez de voltar para casa, contornou o edifício e colocou-se de joelhos por baixo da janela aberta da sala onde o filho estava. «Se acontecer alguma coisa errada, estou aqui.»

Durante três anos, todos os dias de aulas Myo-buni deixava a filha com uma vizinha e acampava do lado de fora da janela da sala de aulas de Hun-ki. E, todos os dias, colocava o filho às costas e levava-o de casa para a escola e da escola para casa, suportando em silêncio os olhares dos vizinhos.

As aulas eram difíceis para Hun-ki. Se os professores lhe faziam perguntas, era raro conseguir responder de forma compreensível. Ao tentar escrever, só conseguia agarrar no lápis com um punho parecido com uma garra. Se seu material lhe caía da mesa, podia demorar minutos até conseguir apanhá-lo.

Apesar disso, prestava enorme atenção às aulas. Ele e a mãe passavam horas sem fim juntos, revendo o que havia sido ensinado. Quando tinha provas, a criança garatujava laboriosamente no papel as respostas que tinha memorizado tão diligentemente.

Passado pouco tempo, surpreendia tanto professores como colegas com as boas notas que obtinha. Mas estava perfeitamente consciente de si próprio entre seu pares. Certo dia, depois da escola, Hun-ki chegou furioso em casa. «Você é uma mãe ruim por me ter feito com pernas inúteis», gritou para Myo-buni. Um colega tinha feito pouco dele, desafiando-o para uma corrida. «Em minha mente, sou capaz de correr e de vencê-lo», declarou entre soluços. «Mas minhas pernas não me ouvem.»

Nos momentos de mais calma, Myo-buni era capaz de consolá-lo. «Você tem de ignorar as outras pessoas», dizia ela. «Se der sempre o seu melhor, o verdadeiro vencedor será você.»

QUANDO Hun-ki entrou para o 4.º grau, a mãe insistiu com ele para que tentasse ir para a escola andando.

Mais do que nunca, o menino sentia embaraçado por sua deficiência. Quando viam seu jeito espasmódico de andar e as expressões de agonia que fazia, as crianças menores fugiam dele e os adultos evitavam muitas vezes passar perto.

Certa manhã, um grupo de crianças juntou-se à sua volta, gritando: «Aleijado burro.» De repente, um dos meninos agarrou uma pedra e atirou-a em Hun-ki, fazendo-o cambalear. As outras o imitaram e começaram a atirar pedras no pequeno, que vacilava e tremia, enquanto apanhava.

Horrorizada pelo que tinha acontecido, Myo-buni arranhou uma casa

modesta para a família junto à escola do filho. Agora, se ele gritasse, ela podia correr para ajudá-lo.

No 7.º grau, Hun-ki obtinha regularmente notas elevadas. As outras crianças foram deixando de fazer pouco dele, à medida que começaram a se orgulhar por conhecer um dos mais brilhantes da escola. Sua auto-estima continuava a ser submetida aos testes mais duros, mas ele encontrava consolo em seu círculo cada vez maior de amigos e de façanhas na sala de aulas.

Simultaneamente, seu orgulho de adolescente fazia-o resistir à preocupação da mãe. «Agora, minha ajuda tem de ser menos evidente», decidiu Myo-buni. Por isso, no princípio do último ano do secundário, ela reuniu-se com o mentor do grupo escolar do filho, um enérgico homem de 47 anos chamado Gil-sup Hyun.

«Não estudei muito», contou-lhe ele, «mas quero que Hun-ki vá para uma boa universidade. Por favor, aconselhe-o.»

O que ela não disse foi que achava que era o próprio Hyun quem estava numa posição única para influenciar o filho. Ele, que tinha contraído poliomielite quando criança, era o primeiro deficiente que Hun-ki encontrara numa posição de autoridade. Era freqüente o rapaz chegar em casa, vindo da escola, e não parar de falar do que Hyun tinha dito ou feito naquele dia.

Dias mais tarde, o professor de turma chamou Hun-ki a seu gabinete. «Quais os seus planos para a

universidade?», perguntou com um sorriso amigo.

O rosto de Hun-ki se iluminou. «Queria estudar Informática.»

Hyun aprovou. «É um grande desafio, mas há muitos outros estudantes tentando entrar para os cursos de Informática, alunos que não têm dificuldade em segurar seus pauzinhos de comer.»

Hun-ki sentiu-se magoado por aquelas palavras, mas sabia o que o professor lhe estava dizendo. Com seus dedos aleijados, o teclado do computador poderia constituir um problema.

«Você tem de encarar sua deficiência de forma realista», aconselhou Hyun, pousando a mão no ombro dele. «Falo com base em minha experiência pessoal», disse suavemente. «Acho que você devia tentar entrar na Faculdade de Agronomia da Universidade Nacional de Seul. Com esse curso, você na certa que consegue um bom emprego como pesquisador ou professor.»

O rapaz não sabia o que responder. A Universidade Nacional de Seul era a universidade de maior prestígio da Coreia. Dos quase 500 000 estudantes que faziam anualmente os exames de admissão, só 5000 conseguiam entrar.

Não era difícil a Hyun adivinhar o que o rapaz pensava. «Sua mãe tem fé em você», disse logo com firmeza. «E eu também.»

Hun-ki ergueu o olhar e assentiu com a cabeça. Nas semanas que se seguiram, estudou todos os dias pela noite adentro.

Extremamente preocupada, Myo-buni resolveu telefonar para a universidade para saber se o filho teria uma oportunidade justa de admissão.

«Desde que ele demonstre que é capaz de fazer o trabalho», assegurou-lhe o reitor, «a deficiência dele não será razão para o rejeitarmos.»

NO DIA 6 de janeiro de 1993, a família Chung foi de carro até a Universidade Nacional de Seul, onde os resultados do exame de admissão estavam afixados. A ansiosa expectativa de Myo-buni transformou-se num silêncio estupefato quando ela olhou para a pauta com os resultados. Hun-ki não tinha alcançado a nota para ingressar naquela universidade.

Mas ninguém ficou mais abalado do que ele próprio. «Que esperança me resta agora?», pensou consigo.

Delicadamente, a mãe lhe perguntou: «Que tal repetir o vestibular no ano que vem?»

O rapaz sacudiu a cabeça. «Não», recusou, amuado. «Vi um anúncio onde se ofereciam para treinar pessoas deficientes para serem adivinhos. Acho que vou tentar isso.»

Myo-buni sentiu que o mundo lhe ruía aos pés. Passado pouco tempo, falava ao telefone com Gil-sup Hyun. Uma vez mais, o professor convidou Hun-ki a ir ao seu gabinete.

Olhou-o então direto nos olhos. «Você tem de voltar a tentar no ano que vem», disse. «Se não for por você, então que seja por todos os deficientes que seguirão suas pegadas.»

O rapaz hesitou, mas depois disse que não com a cabeça. Era a primeira vez que discordava de seu mentor.

«Você não precisa decidir agora se vai repetir o vestibular», disse-lhe este, «mas considere a hipótese de frequentar a Universidade Kwang Woon. Acho que se consegue uma bolsa de estudos para o curso de Matemática.»

«Com sua capacidade para essa disciplina», pensou o professor, «não tarda que sua confiança se restaure.»

Alguns dias depois, Hyun apareceu de surpresa na casa da família Chung, levando consigo os impressos de inscrição na Universidade Kwang Woon. Hun-ki viu que lhe seria impossível resistir ao entusiasmo do mentor e resolveu ir para lá.

Tal como se esperava, passado pouco tempo, a auto-estima de Hun-ki tinha voltado a se fortalecer. Para alívio de Myo-buni, o jovem anunciou que iria repetir o vestibular para a Universidade Nacional de Seul em janeiro do ano seguinte.

Uma vez mais, Myo-buni deixou seu filho à vontade para estudar, sem interferir. Mas estava determinada em resolver um problema. O filho tinha-lhe falado das dificuldades que sentira durante a primeira prova, em que os papéis e os lápis lhe estavam constantemente caindo no chão. «Ele não se pode dar ao luxo de voltar a perder todo aquele tempo», pensou ela.

Ligou para a secretaria da universidade e perguntou se poderiam fornecer uma mesa maior para o filho durante o exame, e eles prometeram que sim.

Hun-ki entrou na sala de exame cheio de ansiedade, e seu nervosismo se transformou em alarme quando, ao escrutinar os cartões colocados sobre as mesas com os nomes, não encontrou o seu. Depois, olhando de relance para o canto da sala, ficou admirado por ver uma grande mesa de sala de jantar ali colocada e preparada só para ele. Percebeu logo o dedo da mãe.

Para Hun-ki era como se ela ali estivesse, tal como tinha estado quando o transportava às costas para a sala de aulas de sua escola primária. Calmamente, o rapaz ficou à espera que o texto do exame fosse distribuído.

TRÊS SEMANAS mais tarde, o telefone tocou em casa dos Chung.

«É da casa de Hun-ki Chung?», perguntou uma voz masculina.

O coração de Myo-buni bateu com mais força. «É, sim.»

«Aqui é da Universidade Nacional de Seul.»

Ela prendeu a respiração. «Ele passou?»

«Passou. Parabéns.»

Myo-buni sentiu que lágrimas de felicidade lhe escorriam pela face.

Passados poucos minutos, tinha enviado Ki-sook à procura do irmão. Pouco depois, este chegou. «É verdade mesmo?», gritou. «Passei no exame?» Myo-buni resplandecia de alegria ao correr para o filho para abraçá-lo. «É, sim! É verdade!»

Como Hun-ki tinha sido a primeira pessoa com paralisia cerebral a entrar na instituição, a Universi-

dade Nacional de Seul informou o fato à imprensa. Na manhã seguinte, uma multidão de jornalistas e repórteres esperava à porta de casa para falar durante alguns minutos com o rapaz. «Há poucos anos, todo mundo o marginalizava», pensou consigo Myo-buni. «Agora, tratam-no como um herói.»

Nessa mesma manhã, Gil-sup Hyun leu a manchete de um jornal que anunciava: «Aceito pela Universidade Nacional de Seul apesar da paralisia cerebral». Então Hun-ki tinha conseguido. Em sua imaginação, ele já conseguia ver o rapaz se formando com distinção e se tornando professor. «Talvez um dia», pensou, «um aluno deficiente entre em sua sala e Hun-ki lhe dê a orientação de que necessita.» A idéia o fez sorrir.

ENQUANTO estava sentada no Centro Cultural Sejong, em Seul, em maio de 1994, por ocasião de uma cerimônia especial, Myo-buni começou a pensar nos espantosos últimos meses. Só aos poucos seu telefone tinha deixado de tocar sem parar, mas não antes de o próprio presidente Kim Young-sam telefonar para dar parabéns a Hun-ki.

Igualmente gratificante era o fa-

to de, na universidade, ninguém tratar Hun-ki senão como um bem-dotado estudante coreano. Era exatamente por isso que tanto tinha lutado: por uma chance para que seu filho deficiente chegasse à porta das oportunidades.

De repente, a atenção de Myo-buni foi atraída pelo som de seu nome. Ergueu-se e aproximou-se do palco onde o primeiro-ministro da Coreia do Sul, Lee Young-duck, a aguardava, sorridente. Fazendo uma vênia, Myo-buni recebeu de suas mãos um grosso diploma com inscrições ornamentais. Enquanto a assistência aplaudia, ela olhou a inscrição e sentiu-se invadir por um enorme orgulho pelas palavras inscritas no alto do documento: «Mãe do Ano».

NO FIM de seu primeiro ano na Universidade, Hun-ki classificou-se entre os melhores de sua turma e foi premiado com uma bolsa de estudos. Agora, duas vezes por semana, dá aulas particulares de Matemática a outros alunos. Sonha em tornar-se professor secundário. Agora, outro estudante com paralisia cerebral conseguiu passar no vestibular para a Universidade Nacional de Seul em 1995, estimulado, afirma ele, pelo exemplo de Hun-ki.

FOTO: © DE CHOSUN ILBO

Livro aberto

UMA BIBLIOTECA pessoal é estranhamente reveladora: algumas lacunas são eloqüentes, enquanto certas presenças deveriam ser dispensadas.

— Philippe Bouvard, *Les Pensées* (Le Cherche Midi, Paris)